



Arlequim e o engendramento do novo em Michel Serres

Geraldo Mateus de Sá
Universidade do Estado do Pará (UEPA/Campus VII), PA, Brasil
geraldomateusdesa@hotmail.com
 <http://orcid.org/0000-0003-4189-5288>

Doutorando em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC Goiás. Membro do Núcleo de Estudos Corpo, Cultura, Linguagem e Expressão (NECCEL) da UFSJ e do Grupo de Estudos e Pesquisa Social – GEPES, da Universidade do Estado do Pará. Pesquisas em Filosofia da Educação e Paulo Freire.

Wanderley Cardoso de Oliveira
Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ), MG, Brasil
woli@ufsj.edu.br
 <http://orcid.org/0000-0001-6467-5910>

Doutor em filosofia pela UFRJ, Professor dos programas de pós-graduação em educação e filosofia da Universidade Federal de São João del Rei. Membro do Núcleo de Estudos Corpo, Cultura, Linguagem e Expressão (NECCEL) da UFSJ. Pesquisas em Filosofia da Educação e Fenomenologia.

Resumen - Resumo - Abstract

Neste artigo, pretendemos mostrar como o personagem Arlequim, de Michel Serres (França, 1930-2019), encarna em sua filosofia as condições para o surgimento do novo. Neste sentido, primeiramente, apresentamos Serres como um criador de personagens e um filósofo das narrativas. Em seguida, focamos em Arlequim como personificação de uma “terceira instrução”,

En este artículo, pretendemos mostrar como el personaje Arlequín, de Michel Serres (Francia, 1930-2019), encarna en su filosofía las condiciones para el surgimiento de lo nuevo. En este sentido, primeramente, presentamos Serres como un creador de personajes y un filósofo de las narrativas. Enseguida, enfocamos Arlequín como personificación de una “terce-

In this article we endeavor to show how the character Harlequin of Michel Serres (France, 1930-2019) embodies in his philosophy the conditions for the appearance of the new. In order to show it, we will first introduce Serres as the creator of characters and a philosopher of narrative. Then we will focus on Harlequin as the personification of a “third instruction”, the result of the

resultado da mestiçagem entre ciências exatas e humanas. Por fim, estabelecemos as relações entre mestiçagem (Arlequim) e invenção (Pierrô) como condições para o engendramento do novo.

ra instrucción", resultado de la mezcla entre ciencias exactas y humanas. Por fin, establecemos las relaciones entre mezcla (Arlequín) e invención (Pierrot) como condiciones para el engendramiento de lo nuevo.

mixing between humanities and the exact sciences. Last but not least, we will establish the relations between mixing (Harlequin) and invention (Pierrot) as a condition for the creating of the new.

Palavras-chave: Personagens. Narrativas. Mestiçagem. Invenção. Ciências..

Palabras Clave: Personajes. Narrativas. Mezcla. Invención. Ciencias

Keywords: Characters. Narratives. Mixing. Invention. Science.

Recibido: 08/07/2020

Aceptado: 31/07/2020

Para citar este artículo:

Sá, G & Oliveira, W. (2020). Arlequim e o engendramento do novo em Michel Serres. *Ixtli. Revista Latinoamericana de Filosofía de la Educación*. 7(14). 219-236.

Arlequim e o engendramento do novo em Michel Serres

Introdução

Michel Serres não é fácil de ler. Para quem lida com a história da filosofia, habituado à escrita filosófica em moldes acadêmicos, ele é um filósofo difícil de ler; pois não se deixa enquadrar, “não se liga a nenhuma tradição precisa” que nos permita situá-lo (Latour *apud* Serres, 1994, p. 69). Em seus primeiros livros, ele até que atende aos padrões da escrita acadêmica.¹ Mas, depois, passa deste modo de escrever, com todo seu aparato de citações, notas, index, referências e comentários, para outra escrita, repleta de narrativas e personagens, cada vez mais próxima à compreensão de todos, “aberta à sociedade e ao mundo” (Worms, 2018, p. 113). Atento ao seu tempo, sempre preocupado em dialogar com seus contemporâneos, Serres buscou elaborar uma filosofia sedenta por compreender as grandes mutações pelas quais passamos e os desafios que nos são dados a pensar e a enfrentar.

Michel Serres é difícil de ler também para quem está acostumado aos especialistas da filosofia, aqueles que sabem tudo de quase nada ou de uma coisa só. Tendo a busca da totalidade como uma ideia motriz de sua filosofia, ele desejou passar por todos os lugares, ocupar-se com a física, a arte, a religião, a matemática, os mitos, a literatura, as ciências humanas... E, de tal modo, assumiu este desejo, que o colocou como programa necessário não só à sua filosofia, mas a toda filosofia. Obviamente, é uma empreitada impossível. Ele mesmo tinha consciência disso. O que não o impediu, entretanto, de sentenciar: “Quem quer que seja que não passou por tudo não é filósofo.” (Serres, 2018, p. 119).

Michel Serres é um filósofo das narrativas. Nem sempre aquele que busca a verdade a alcança através de cálculos, equações e experiências formais. O ensaio também é um caminho para ela. E quando o ensaio não pode atingi-la, que o conto o faça, se ele puder. Se a meditação não consegue, indaga o filósofo, “porque não tentar a narrativa?” (Serres, 1991a, p. 249). E é o que, nele, encontramos em abundância: narrativas repletas de heróis, mitos e personagens.

¹ É o caso de sua tese de doutorado sobre Leibniz, defendida em 1968, publicada em 1982, e da série de cinco livros sobre as ciências publicada entre 1969 e 1980. Cf. Serres (1969, 1972, 1974, 1977, 1980).

Na literatura, grandes escritores criam personagens, dão vida a eles e, às vezes, uma vida mais longa que aquela de seus criadores. Próximo aos escritores e seus personagens, Cervantes e Dom Quixote, Molière e Dom Juan, Dostoiévski e o Grande Inquisidor, Júlio Verne e o Passe-Partout, Michel Serres também cria personagens. Se para Deleuze e Guattari (1991), filósofos criam conceitos, para o autor de *O canhoto coxo* (Serres, 2015), eles também criam personagens: o gênio maligno de Descartes, Jacques - o fatalista - de Diderot, Zadig de Voltaire e, como não lembrar, do Zaratustra de Nietzsche? Seguindo esta linhagem, Serres foi, por excelência, um criador de personagens: Hermes, o Parasita, o Hermafrodita, Arlequim, Pierrô, os Anjos, Pantope, dentre tanto outros. Mas que papel desempenha em sua filosofia os personagens que o pai da Polegarzinha criou?

“A cada livro, eu me afundo num novo personagem”, afirma Serres (2015, p. 93). Será que eles são máscaras atrás das quais o filósofo desenvolveu seu pensamento? Ele mesmo nos diz o quanto si identifica com um personagem de Júlio Verne, do romance *A volta ao mundo em oitenta dias*. Trata-se do serviçal do nobre Philes Fogg, que se chama justamente, *Passe-Partout*. “Um de meus heróis – confessa Serres (2018, p. 119) – se chama Pantope, o que quer dizer justamente passar por tudo, em todos os lugares.”

Para Serres (2015, p. 53), cada um de seus personagens é “singular, original, único em seu gênero, até mesmo marginal se quisermos, em todo caso, inesperado.” Mas o que é importante, para compreendermos a função que desempenham em sua filosofia, é vermos que cada personagem concentra “em si mesmo um mundo inteiro, o sintetiza, e muitas vez o inicia.” (p. 53). Daí, o sentido de sua afirmação, “pensar é proceder sínteses com personagens que são emissários.” (2016, p. 101). Seus personagens são emissários, delegados, mensageiros enviados em missões “ao coração do tumulto” para verem “as grandes mutações do mundo” (p. 101).

Eles partem em direções designadas por aquele que os envia. Quem os envia lhes diz quais são os propósitos de cada viagem e traça vagamente os itinerários. Os mensageiros não partem inteiramente às cegas. Contudo, não têm em mãos mapas seguros das rotas que devem seguir. Ignoram as terras, os perigos e as paisagens pelas quais passarão. O “risco lançado pelo êxodo” se apresenta aqui como “termo oposto ao método” (Serres, 2015, p. 97). Eles vão e voltam. E, como admite Serres, “carregados de visões para escrever meus livros.” (p. 60). Voltam para ensinar àquele que os enviou aquilo que aprenderam. Eles são, declara o filósofo, “meus anjos da guarda,

mensageiros de invenções e pensamentos.” (p. 61). Com eles, a partir deles e de suas narrativas, Serres refletiu o mundo em que vivemos, descreveu emergências, operou sínteses inesperadas, fabricou novidades. Arlequim, o herói que nos ocupa neste artigo, é um desses delegados, emissários, anjos da guarda de Serres. Cumpre-nos, agora, apresentá-lo e buscar compreender como ele encarna na filosofia deste velho marinheiro possibilidades de mestiçagens e de invenções, condições sem as quais nada de novo pode vir à luz.

Arlequim e a terceira-instrução

Arlequim estreou na obra de Serres em 1991, nas páginas de abertura de *Le Tier-Instruit*². Aí, sob o título “Laicité” (Laicidade), o filósofo nos apresentou seu novo herói; mas que já tinha pelo menos dois antecedentes em seus livros até esta data. O primeiro é Hermes³, deus que transporta mensagens e faz a ponte entre o mundo divino e humano; o segundo é o Hermafrodita (Serres, 1987), personagem que une os dois sexos, trazendo em seu corpo o macho e a fêmea. Arlequim, terceiro-instruído, seguindo a linhagem de seus ancestrais também busca estabelecer pontes e anseia pela união das ciências exatas e das humanas.

No segundo livro da série Hermes, Serres trata da interferência entre as ciências e fala da importância e da fecundidade da comunicação entre as exatas ou duras e as humanas. *Le Tiers-Instruit* refina e aprofunda esta intuição. Arlequim desempenha o papel de uma terceira cultura nascida da síntese ou da mistura das duas primeiras. Ele é este herói do qual a cultura nasce da união entre elas, libertando-as de sua hemiplegia.

As ciências duras são hemiplégicas, pois falam do mundo e das coisas com exatidão e rigor, mas ignoram as narrativas míticas e religiosas, a história e o sofrimento humano. Mas as humanas também são hemiplégicas, pois falam com imaginação e sensibilidade do ser-humano, de suas utopias e sofrimentos, mas ignoram o mundo. Cada uma traz em si um lado do corpo paralisado: as duras, o lado do humano; as humanas, o lado do mundo. Uma ignora o que a outra faz e, com isso, continuam hemiplégicas. Arlequim, canhoto e destro, é corpo completado e não traz em si um lado adormecido. Em seu corpo, ele faz a ponte, a travessia, a conexão, a união entre os dois lados, o duro e o suave, o masculino e o feminino. Do mesmo modo que seus

² *Le Tier-Instruit* foi traduzido no Brasil, pela Editora Nova Fronteira, sob o título *Filosofia Mestiça*, em 1993.

³ Confira a série Hermes na primeira nota de rodapé deste texto.

ancestrais, Hermes e o Hermafrodita, Arlequim encarna, à sua maneira, a possibilidade de sínteses complexas que, através das mestiçagens que operam, se configuram como possibilidade de invenção do novo. (Serres, 2015).

Figura fluente, ágil e leve da literatura, das fábulas, das parábolas; alegoria ou narrativa, personagem ou metáfora; ideia ou imagem; Arlequim configura a tonalidade original na paleta de cores da filosofia, essencialmente, mestiça deste pensador francês. A presença descontraída deste herói zombeteiro protagoniza, na obra de Serres, a quebra da monotonia e da frieza das filosofias tradicionais. Seu *status* exprime a leveza e a agilidade do pensamento multifacetado de Michel Serres, ora enredado nas interfaces do homem e do mundo contemporâneos. Arlequim é o absurdo do inesperado, a excentricidade do espírito humano; é a síntese da originalidade do corpo e da alma mestiços, tatuados de tempo e de mundo, de dor e de alegria, de noite e de dia. Essa figura complexa retém profunda analogia com a ideação do saber mestiço. Seu casaco furta-cor e móvel mestiça a variedade das cores sem, conquanto, deixar de ser uno num corpo compósito, de várias camadas, de tatuagens, de dobras, etc. Unidade multicolorida, contingência e circunstância vestem seu corpo hermafrodita. Nele, a multiplicidade “e a unidade se apresentam, na realidade, como singularidades limites em uma variação” (Serres, 1993, p. 176), como num mosaico, que “justapõe milhares de elementos de formas diversas e cores variadas, cujos limites desenham uma espécie de rede” (p. 176) de “mapa-múndi, casaco de Arlequim, centão de textos diversos” (p. 176) e de paisagens abruptas._

Ele resenha os raios da multiplicidade e amalgama as diferenças, faz e desfaz as contradições de suas contingências. Tencionado entre o múltiplo e o uno, afirma Serres, “à semelhança de meu mundo, visto-me de Arlequim multicolorido, mesclado, listrado, estampado, esfarrapado, remendado e rasgado” (Serres, 2011, p. 174). Importante lembrar que, para este filósofo, tal concepção corresponde àquela que concebe “o ponto de vista do mundo em sua totalidade” (1991a, p. 59) misturada, em permanente transformação. Enfim, Arlequim espelha homem e mundo misturados, completados em múltiplas nuances, multicamadas de pele tatuada, sulcada de história e de narrativa.

O palhaço veste casaco multicolorido, costurado para ser ele próprio a máxima diferença e a suma unidade. Aí, em seu corpo marcado, jazem cores e estigmas das paisagens inspecionadas. Finalmente, é a sua pele que desfaz “a unidade pretendida por suas palavras”, porém, “ela é um casaco de arlequim” (Serres, 1993, p. 3), multiforme, difusa, sinuosa, indeterminada. Mas,

noutro momento, as cores formam uma unidade branca. A roupa e o corpo do Rei também implicam a máxima unidade. Desse jeito, Serres reconhece que a “melhor síntese, inversamente, só advém num campo com diferenças máximas, raiado, listrado, variado... o manto de Arlequim. Senão, reduz-se à repetição de uma divisa” (Serres, 1996, p. 129). Logo, “Arlequim se torna Pierrô” (1993, p. 34) e brancura incandescente, que unifica e sintetiza a heterogeneidade das cores num corpo vestido de branco. Policromia difusa e brancura incandescente. Arlequim e Pierrô jamais findam suas oscilações...

Ambos, intrínseca e extrinsecamente, habitam a paisagem espectral. “Essa brancura pode constituir-se de uma cor única ou de uma integração de todas elas. Pierrô tende para Arlequim” (Serres, 2005, p. 112) e vice-versa. “É essa dupla incandescência que torna o tempo humano” (p. 112) e movediço, inconstante, variado e inconcluso. Entre Arlequim e Pierrô, o humano se configura em suas múltiplas e singulares formas. Como reconhecer a humanidade? De acordo com o filósofo das narrativas:

É nessa forma arlequinada que você a reconhecerá. O que há de exclusivo no homem? Exatamente esse tipo de mistura. Incandescente como Pierrô; supercolorida e misturada como Arlequim. Quanto mais você imprime os outros sobre o eu, mais ele se afirma em sua singularidade, pois nenhum outro apresenta essa tonalidade marcante, mais ele se dirige a uma soma tão branca quanto a tábula de cera inicial (Serres, 2005, p. 112).

Arlequim, essencialmente mestiço, composto de várias camadas, “é hermafrodita, corpo mesclado, macho e mulher” (Serres, 1993, p. 4) apensado em um único ser. Ele é o Rei que se desnuda. Só a nudez revela seu verdadeiro corpo, suas multiplicidades, traços, luz e sombra, vestígios de suas viagens. Corpo tatuado por multiplicidades de contingências, incidências e acidentes, marchetaria de experiências, andanças, ingenuidade e vivacidade camufladas. Enfim, Arlequim, corpo e universalidade dos mapas-múndi redesenhados no plano da cartografia complexa e composta. Nessa continuidade, na desnudação inesperada e pública, o espírito desagasalha o corpo. Sua “nudez revela ainda pregas e repregas. Arlequim nunca chegará ao seu último traje, despe-se infinitamente. Continua sempre ocelo e tatuagens” (Serres, 2001, p. 78). Como a filosofia mestiça que, arlequinada e contemporânea, pressupõe nunca concluir a última obra.

Paradoxalmente, Arlequim se confunde entre a multiplicidade e a unidade

que se misturam em corpo emblemático, desenhado em pele sobre pele, riscado, listrado em página de luz decomposta. Terceira pessoa, entranhada e urdida em corpo dobrado e redobrado, sarapintado, arranjado em múltiplas camadas. O Rei é também prodígio, seu casaco tramado de múltiplas partes se faz unidade para cobrir seu corpo composto e tátil... Aglomerado de raios coloridos, de decomposição da unidade branca... Sua chegada matiza “singulares cores espectrais” (Serres, 1993, p. 53). Emanada “de um sol, cada faixa interrogada, multicolorida, tigrada, irisada, zebrada, fornece informações diferenciadas. O casaco de Arlequim (...) representa também este saber de noite” (p. 53). Saber perigoso, descuidado e furtivo...

Pessoa mestiça, adjetivada como multicores *arlequim*, nunca terminada. Por consequência, advento e continuidade do novo. Cada viagem do Imperador da Lua imprime, em seu corpo, camada sobre camada, sentidos e significados. A extensão da pele dilata mapas-múndi nos sulcos e nos planos de suas contingências. Surgem outros mosaicos, outras tatuagens, outras marchetarias, outros arlequins. Pele flexível, onde rotas do local ao global são traçadas. Aí, o mestiço, indefinidamente, se mescla e se unifica para ocasionar outras misturas.

Arlequim, síntese da instrução, terceiro instruído que se abre a outras instruções, parte virgem e retorna, outra vez, hibridizado. Como o filósofo mestiço, que ao decifrar suas “rugos, gravuras do tempo, escritas a estilo; a alma frequenta este couro coberto de inscrições” (Serres, 2001, p. 72). À espécie de um mosaico das culturas, das crenças e dos saberes, a terceira instrução é possibilidade inconclusa, testemunho de que toda mistura engenha novidade, sempre, retornada noutra mistura.

Transformado, tatuado, vestido com casaco multicolor e “mestiço, Arlequim, animal cruzado” (Serres, 1993, p. 26), ora em “meio desse novo nascimento, ei-lo exilado de verdade. Privado de casa. Morto sem sepultura. Intermediário. Anjo. Mensageiro. Traço de união” (p. 12-13) e de relações. “Para sempre expulso de todas as comunidades, mas um pouco, e levemente, em todas. Arlequim, já” (p. 12-13); eis o pressentido retorno do Rei. Mas, Arlequim, mil outras vezes pronto para partir...

A presente alegoria chancela o espírito humano que habita múltiplos centros, que se desloca com desenvoltura e leveza entre eles. Arlequim não é escultura, nem estátua, paradas, pregadas, fixas em suas posições, estáticas. Arlequim não quer posto, é exposto, posto para fora de sua posição,

transeunte, dinâmico, viajante. Toda viagem é ação pedagógica. Apenas o viajante abandona o posto fixo onde a estátua foi assentada. Cada nova aprendizagem acolhida, como mais uma tatuagem, uma cor ou fita ou farrapo de pano, em seu casaco e em seu corpo multicolorido, entrelaçado de fitas, tecido de farrapos. O casaco e o corpo de Arlequim lembram deslocamentos, palcos incertos, inspeções em terras distantes. Reminiscências que retêm os sulcos que a experiência imprimiu em sua pele.

Entretanto, ao anunciar não ter encontrado novidades por onde passou, paradoxalmente, Arlequim frustra a plateia. O testemunho da inexistência de algo novo sob o sol o condiciona ao risco do retorno. Nunca a volta é somente a satisfação das expectativas bem sucedidas. Partida e retorno reservam o previsível e o imponderável. No caso em tela, sua “volta de uma inspeção às terras lunares” (Serres, 1993, p. 1) não correspondeu às expectativas do público estupefato que o aguardava. Do mesmo modo, a verdade pode não corresponder à espera de quem se expôs e partiu à sua procura, mesmo porque o “critério de veracidade é o risco de erro. O único caminho para a invenção é o consentimento total em se enganar, diante dos outros” (Serres, 2003b, p. 187) e de si mesmo. A verdade não vicejou nas respostas do Rei dirigidas a seus interlocutores, mas foi desvelada nas dobras do seu casaco e da sua pele. Nem sempre aquilo que se aprendeu satisfaz quem espera algo, eis a contingência do retorno e, porventura, de toda instrução.

Arlequim é também contradição e paradoxo. Assim ocorreu com “o Imperador da Lua no centro, alvo da caçoada do público e logo seu saco de pancadas, (...) no centro de seu centro, no interior de todas as dobras de suas vestes, ou por baixo de todas as suas roupas de baixo: o que ele é, um e vários” (Serres, 1993, p. 49-50). E vários em um? Como “Arlequim mestiço de mil tons e cores brancas de água” (2003a, p. 173), extravagante, original, ofuscante e múltiplo, mistura excêntrica, porém, peculiar e inventiva; “casaco furta-cor de Arlequim” (1993, p. 61) como a filosofia mestiça. Costurada e urdida, composição diversificada, encontro entre o mito e a filosofia, as ciências duras e as humanidades, o discurso e a narrativa, confluência entre homem e mundo, eis a saga arlequinada da filosofia de Serres.

Mundo transitório, mutável e fluido, onde o aqui não existe mais, pois “tudo reside aqui. Como outrora dizia Arlequim, Imperador da Lua, (...) todo lugar é como aqui” (Serres, 2003a, p. 170). Nada de novo sob o céu? “Só mudam os graus de grandeza e beleza” (1993, p. 1), respondeu o inspetor das terras lunares. Então, tudo passa e tudo flui: o mundo, as águas, os viajantes, os

aprendizes, os mensageiros. Mas onde habita o novo? Em qual das múltiplas peles de Arlequim ele foi semeado? Ele é o início, o meio, possibilidades e outras mestiçagens; a errância e a contingência.

Arlequim, um Rei sem caráter?

Arlequim e o engendramento do novo

Leitor de Heráclito e de Lucrécio, amante do mar e dos rios, para Serres a realidade está em constante movimento, em contínua transformação, ao modo do visionário expectador do prodígio da novidade. Logo, a dinamicidade e a mutabilidade do mundo, das coisas do mundo e do homem constituem o pano de fundo da sua filosofia mestiça. Sua concepção ampla e múltipla é fundamental para se conceber o mundo inacabado, transitório, onde tudo muda e tudo que muda transforma a si mesmo e o outro. Ela é, intrínseca e extrinsecamente, expectativa e advento do novo. A mestiçagem sempre faz esperar seu advento. Toda mistura religiosa, pedagógica, filosófica, científica, étnica, cultural, etc., em qualquer tempo ou lugar, engenha a novidade que se anuncia em imensuráveis formas e sentidos.

Sua compreensão da mestiçagem, ao oposto da realidade sequencial e programática, é de cunho caótico e intrincado. O novo não se conjuga com o exílio do velho. E, em tempo algum, deve ser assimilado como progressão linear, encadeamento de fatos e eventos preconcebidos. O caráter difuso da mestiçagem não desagrega a realidade arcaica da atual. O antigo e o novo são matérias-primas que servem às possibilidades da mistura Serresiana. Ambos misturados ou consorciados compõem a continuidade e a permanência da mudança.

No curso da metamorfose das coisas humanas, invenção e reinvenção efetivam misturas entre a realidade arcaica e a atual. Isso significa dizer que o novo e o primitivo convivem em função de perpetuar a própria novidade, seja na filosofia, na ciência, na educação ou nas culturas. Em Serres, as bifurcações e as confluências da inovação não constituem uma progressividade totalmente previsível, sempre calculada ou premeditada. Tal ocorre sob o escudo da imprevisibilidade e do acaso, o que verte entendimento de que não há progressão contínua da novidade. A sua expectativa, em Serres, não é limitada ou estática, mas sim, afetada por circunstâncias vivas que movem o homem em sua individual e coletiva transição do local para o universal. Por

assim dizer, os seres humanos são “vivos velhos e novos que nesse momento têm a audácia de juntar ativamente o tempo evolutivo ao tempo da história” (Serres, 2005, p. 20), o grande projeto da hominização em curso. Viagens e travessias possíveis? Vida e existência inconclusas? Assim sendo, em aspecto topológico, biológica e culturalmente, o homem habita o mundo em expectativa de, em um dia qualquer na história, partir para a última passagem.

Afinal, será esse acontecimento a derradeira narrativa?

Na intensa relação entre as coisas do mundo e as coisas da vida, como mestiço, terceiro instruído, o homem livre escreve, reescreve, vivencia e enlaça pequenos e grandes acontecimentos da sua história. Tendo em conta esse sentido, o novo assemelha-se ao recorrente manto de Arlequim, urdido e listrado com as múltiplas e inconstantes cores das diferenças, as quais marcam as circunstâncias e as variedades do mundo, que se avivam e se desbotam continuamente. Aí o advento da novidade e do inimitável em cada arlequinação do homem e do mundo.

Em segundo momento, todas as cores se tornam incandescentes, Arlequim se resplandece em Pierrô. Transição e transubstanciação da multiplicidade colorida em unidade plena de incandescência. E, Pierrô, outra vez triste, se decompõe nas multicores da capa do inconsequente Arlequim. Oxalá, então, jazer no imprevisível e na inventividade, na tristeza e na alegria, a sempiterna novidade do homem e do mundo. “Eis o novo... cruéis divisões entre o erro e a verdade, a ciência e os sonhos, o obscurantismo e o progresso!” (Serres, 1993, p. 53), a vida e a morte.

Na situação de suas incursões pelas paisagens da existência, em face do real e do virtual, Serres indaga: “O que há de novo sob o sol?” (Serres, 1997, p. 108). “Quem tem medo de um mundo novo?” (p. 133). Pois, no decorrer de tais preocupações, fica claro que não se dispensa nem a atenção, nem o assombro. Afinal, a novidade veste arlequim e o manto do desconhecido a assombra, se desloca de um centro a outro, como constância e inconstância da própria vida. Em relação à corrente exposição, vale também perguntar: “... fundiremos o antigo mundo com o novo?” (p. 14). Tais questionamentos sugerem, por consequência, uma inquietude pensante que leva em consideração a indomável predisposição de que tudo muda, e que toda mudança, potencialmente, desestabiliza certezas, crenças e verdades, ainda que fundadas em pretensa estabilidade racional. Em um mundo difuso e caótico, a desordem arlequina desestabiliza Pierrô. Em sua reação, Pierrô multiplica o

caos na roupa do Rei. A novidade, leve e esbelta que veste a *arlequim*, ora entraja a pierrô. E, logo, se volatiliza.

Por consequência, tudo que muda se move para algum sentido ou lugar. Conforme esse ponto de vista, esperar a mudança é como caminhar entre a temeridade e a fascinação, pois o novo faz tremer e palpitar o virtual e o real que habitam convicções e discursos, mas também, faz a manifestação do multicolorido concorrer em máxima luminescência. Transição de Arlequim a Pierrô e reciprocamente, eis a metáfora do assombro e do aclaramento do sonho humano.

Ao mesmo tempo, a novidade também faz esperar a pacificação da temeridade humana, tal como a história e a narrativa tecem a esperança de não ser necessário se inquietar desmedidamente, pois “o novo mundo costura-se sem dificuldade ao antigo” (Serres, 1997, p. 159) para, talvez, não exilar o homem da possibilidade de suas transições do local para o global, do velho para o novo. Em caráter universalizante e flexível, essa concepção, em Serres, permeia sua obra, seu mundo e sua existência. Eis o pensador disposto a inventar “de novo: um conto, se quiserem, um mito, uma história, um conhecimento verdadeiro, seguramente uma narrativa” (2008, p. 163) nova, o mundo habitado pelo novo homem.

Concatenado com a realidade atual, para Serres (1997, p. 260), a “novidade vem do tempo, sob a condição de o pensar de novo” em concomitância com a revelação do mundo e da história. É nessa ambiência pulsante de vida e de acontecimentos que a “nova epistemologia tem diante de si o novo saber, um objeto inesperado, desconhecido, globalizado, de tonalidades matizadas, mais difícil de construir e observar” (2005, p. 171), pois transita entre a raridade e o contingente que perpassam a terceira instrução. Nesse horizonte matizado, por assim dizer, está em curso a emergência das novas tecnologias e as expectativas que avolumam o grande projeto de hominescência.

Em relação a essa questão, há que se entender que também a ciência está em transformação e que toda descoberta é imprevisível, ou seja, ela não se deixa predeterminar ou se enquadrar em quaisquer domínios. Nessa lógica, “o núcleo residual da ciência é simplesmente aquilo que não se pode prever nem administrar” (Serres, 1990), ela “é apenas o novo” que escapa a um total controle por meio de “seus acasos e circunstâncias” (p. 133), ainda que venha “a loucura descobrir algo de novo mesmo na ordem da razão” (1997, p. 59) pretensamente estável e precisa.

A predileção pelo novo ocupa larga extensão no otimismo e na utopia do filósofo que veste *arlequim*. Sua obra é impregnada do anseio e da possibilidade de, sempre e em todo lugar, instituir a inovação, isto é, ao modo como o extraordinário emerge tanto na mestiçagem quanto na invenção. A sua expectativa pela inventividade e pela novidade permeia sua concepção filosófica, científica, cultural, ecológica e, fundamentalmente, a sua tendência pela pedagogia, de fato, contemporânea.

Sarapintada por um “humanismo novo” (Serres, 2008, p. 30), ora em “busca de um novo mundo, de uma nova história” (p. 51), as ideias de Serres anunciam que o homem atual tem em suas mãos a sorte e a desventura da sua própria existência. Entretanto, caso aspire “construir um humanismo comum, é preciso mudar nossa visão de mundo, conceber inicialmente novos espaços topológicos” (2005, p. 135) e, concomitantemente, misturá-los, aguardar pela emergência da novidade, sempre mais leve e mais ágil que a repetição ou a cópia. Otimismo e utopia, real e virtual, tudo misturado, eis um evento essencialmente Serresiano.

Mediante a “narrativa do novo humanismo” (Serres, 2008), transitando no cenário de um “novo nós”, eis que chega o tempo de desabitatar “as antigas partições, fronteiras, línguas, Estados, nações, culturas, civilizações” (p. 113) e pertencimentos. Dessa maneira, ocorre a boa notícia advinda do distanciamento dos centros imóveis, os quais é necessário abandonar para se poder percorrer, espiralar, ondear, viajar, serpear pelas diferentes paisagens da natureza, dos saberes e das culturas humanas.

Tal como a “Grande Narrativa conta a bifurcação de nosso ramo” (Serres, 2015, p. 279), noutro lado da margem, “a multiplicidade dos pontos de vista, a confluência” (2007, p. 18) entre os acontecimentos do mundo e as ocorrências da vida fazem, novamente, todos mestiços. No que lhe concerne ao urdimento da trivialidade com a invenção, a “narrativa começa sempre numa bifurcação que rompe a repetição” (2015, p. 205) para, à sua própria maneira, anunciar a boa nova. No entanto, é por demais “pequena nossa capacidade de prever qual será o ramo novo que sobreviverá entre aqueles que morrem todos os dias” (2005, p. 158), mesmo antes de desabrochar em pétalas de esperança. Talvez, assim, morrem por não serem regados com utopia e otimismo, ou quem sabe, com sonhos e narrativas.

Em contrapartida, desde ontem e hoje, “os rios, o tempo, o mundo e a vida percolam e, sem dúvida, a nossa alma, mistura inesperada de recordações

porosas e de esquecimentos retornados” (Serres, 1997, p. 99) renascem em cada instante que incandesce a antemanhã do novo. Em um tempo que se esvai, um “segundo nascimento” (1993, p. 60) proclama o desapego do *pagus* que ainda habita as dobras do corpo e da história. E, por consequência, os homens, “com efeito, ao se deslocarem, descrevem um novo ser-no-mundo, um novo cidadão do mundo” (2007, p. 90) que, por sua vez, passa a existir no encaicho de outras renovações. Aí, serve de exemplo o advento das tecnologias, – e de outras relações –, pois tudo é muito diferente à vida que abandona “para sempre o antigo *pagus*” (2003a, p. 213) e a antiga classe.

Pois então, quando a novidade se multiplica à mesma velocidade do aparecimento das inovações tecnológicas, especialmente na rapidez universal das mídias, é compensatório “que cada um possa discernir o verdadeiro do falso, o profundo do superficial, o novo do remanejado. Isso justifica a empreitada de descobrir-se, de correr o risco” (Serres, 2007, p. 119), de mestiçar-se sob pena de perecer pela ausência da diferença a correr no próprio sangue. É na transição de Arlequim a Pierrô, que diversidade e unidade se misturam no mesmo tempo e sentido para, então, originar algo novo. No tocante a esse trânsito, bem afirma Serres: “Inteligente é quem percebe a mistura!” (1997, p. 192) e a deixa prosperar. Em razão disso, a compostura de sua filosofia é expressamente perceptível e fluida, sua mestiçagem, somada à predileção pela invenção, o faz o visionário expectador da mudança e do deslocamento.

Nesse “novo período que o virtual emana” (Serres, 2013, p. 69) de forma surpreendentemente rápida e globalizante, há que se considerar “a questão do lugar nas redes diversas de todas as técnicas de informação, de comunicação e de intercâmbio à distância” (1997, p. 180) visto que, por meio dos novos recursos tecnológicos é possível explorar os “antigos *habitats* virtuais, criados outrora pela tecnologia da escrita” (p. 180) a fim do trânsito do local para o global. Esse “novo mundo, (...), virtualmente global, exige um mesmo entusiasmo, ponderado e harmonioso, o mesmo optimismo positivo e o mesmo sentido da beleza, sem a qual nenhuma aprendizagem é eficaz” (p. 16) o bastante para engendrar o homem filho do novo humanismo. A partir desse momento, é notório que se dê conta que esses “espaços virtuais enchem-se dos lixos leves dos novos proprietários” (p. 161) que, como jamais em outros tempos, são capazes de transitar por todos os lugares de forma rápida e efetiva, especialmente dada a prevalecente utilização das novas tecnologias.

Em breve espaço de tempo, praticamente na quase totalidade da terra, é possível afirmar e constatar que:

Tudo pode ser encontrado na Internet e a qualquer hora, o que pode fornecer, a qualquer um, um ponto de vista cognitivo confuso, simultaneamente verdadeiro e falso, superior ao oferecidos por mestres obsoletos que ele não pode mais suportar. (...). O novo estado fluente de conhecimentos não transtorna apenas o saber, as escolas e os pesquisadores, a economia, os trabalhadores e os especialistas, o Estado, os professores e cidadãos, mas também a totalidade dos laços sociais e as relações com as coisas, o mundo e a sociedade, a ética e as religiões (Serres, 2005, p. 172).

Na pauta de tantos acontecimentos e transformações sucedidos no mundo e em relação ao homem contemporâneo, quando a emergência do novo flui do local para o universal, muito se tem, até então, a entender sobre as suas consequências que não mais têm tempo para sedimentar. Por fim, certo é que já se vive uma realidade espaciotemporal em que quase tudo se volatiliza e pouco ou nada se deixa restar daquilo que foi um dia. Breve é o tempo para se acostumar com a mudança alucinada das coisas. As tecnologias emergentes apetezem a impermanência que muda tudo que insiste em permanecer, inclusive as relações humanas, suas implicações na educação, no trabalho, na convivência familiar e social. No tocante a essa questão, o entendimento do novo, em Serres, transcende qualquer fronteira determinista que ouse cercar o advento da mudança ou da invenção numa área específica, em sentido *strictu*. Dado isso, a concepção Serresiana culmina na ideia de que tudo pode ser perpassado pela mestiçagem ou pela invenção, condições basilares para a efetivação daquilo que se pode inferir como novo.

Considerações finais

Na contemporaneidade, eventos e conhecimentos se transformam constante e rapidamente, caso das biotecnologias, das tecnologias de informação e de comunicação, etc. A possibilidade da mudança transita do virtual para o real com reciprocidade e agilidade. Essa transição, na concepção Serresiana, transcende a realidade fixa e específica. Portanto, o conceito de *novo* pode ser largamente utilizado nos variados discursos dos saberes contemporâneos, permitindo, assim, poder falar da nova ciência, nova educação, nova pedagogia, nova cultura, etc. De igual maneira, tudo pode transformar a realidade humana e do mundo em sentido pleno de originalidade. Também as relações humanas no contexto social, político, econômico, etc., são abraçadas por essa expectativa imensurável da mudança e da transformação. A voracidade

econômica, a ira do homem contra o mundo, os conflitos religiosos, o processo de hominização, as relações entre vida e arte, as efervescências políticas, tudo contribui para algum tipo de deslocamento do novo na história e, como resultado final, o próprio movimento da história. No bojo da filosofia mestiça, o novo é aquilo que transforma sujeitos e objetos em outra novidade. Nessa compreensão, a expectativa inovadora move a história e o homem em direção à inventividade e a outros sentidos. Afinal, a resultante da novidade é aquilo que se move e se transforma. Haja vista a terceira instrução de Arlequim.

Em suma, no pensamento de Serres, Arlequim encarna a expectativa do novo, o espírito da invenção e da transfiguração do mundo, tal como na grande narrativa do filósofo e, mais especificamente, em seu projeto de hominização. Essa ideia, sem dúvida, culmina na possibilidade de qualquer mestiçagem originar uma terceira possibilidade de mudança, de instrução e de emergência do vir-a-ser, e assim por diante. E que assim seja: “Queiramos ou não, nosso projeto é o homem” (Serres, 2003a, p. 58) novo, repleto de boas novas.

Referências

Deleuze, Gilles; GUATTARI, Félix (1991). *Qu'est-ce que la philosophie*. Paris: Éditions de Minuit.

Serres, Michel (2018). Entretien avec Michel Serres. Propos recueillis par Sven Ortolí. In: *Philosophie magazine*. Hors-Série: Michel Serres, Paris, n. 39, p. 20-23, Automne-Hiver.

Serres, Michel (2018). Dans la bibliothèque de Michel Serres. In: *Philosophie magazine*. Hors-Série: Michel Serres, Paris, n. 39, p. 117-121, Automne-Hiver.

Serres, Michel (2018). *Pantopie*. Paris: Le Pommier.

Serres, Michel (2015). *Le gaucher boiteux*. Paris: Le Pommier.

Serres, Michel (2015). *Narrativas do humanismo*. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Serres, Michel (2013). *Polegarzinha*. Tradução de Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Serres, Michel (2011). *A guerra mundial*. Tradução de Marcelo Rouanet. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Serres, Michel (2008). *A grande narrativa do humanismo*. Tradução de Antônio Viegas. Lisboa: Instituto Piaget.

Serres, Michel (2007). *Júlio Verne: a ciência e o homem contemporâneo*. Tradução de Mônica Cristina Corrêa. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Serres, Michel (2006). *L'art des ponts: Homo pontifex*. Paris: Le Pommier.
SerresSERRES, Michel (2005). *O incandescente*. Tradução de Edgard de Assis Carvalho/ Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Serres, Michel (2003a). *Hominescências: o começo de uma outra humanidade*. Tradução de Edgard de Assis Carvalho/Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Serres, Michel (2003b). *O nascimento da física no texto de Lucrecio: correntes e turbulências*. Tradução de Péricles Trevisan. São Paulo: UNESP; São Carlos: EdUFSCAR.

Serres, Michel (2001). *Os cinco sentidos*. Tradução de Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Serres, Michel (1997). *Atlas*. Tradução de João Paz. Lisboa: Instituto Piaget.

Serres, Michel (1996). *Diálogo sobre a ciência, a cultura e o tempo*. Tradução de Serafim Ferreira/João Paz. Lisboa: Instituto Piaget.

Serres, Michel (1994). *Eclaircissements: cinq entretiens avec Bruno Latour*. Paris: Flammarion.

Serres, Michel (1993). *Filosofia mestiça*. Tradução de Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Serres, Michel (1991a). *Le Tiers-Instruit*. Paris: Éditions François Bourin.

Serres, Michel (1991b). *O contrato natural*. Tradução de Beatriz Sioux. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Serres, Michel (1990). *Hermes: uma filosofia das ciências*. Tradução de Andréa Daher. Rio de Janeiro: Graal.

Serres, Michel (1992). *Le système de Leibniz et ses modèles mathématiques*. Paris: P.U.F.

Serres, Michel (1980). *Hermès V. Passage du Nord-Ouest*. Paris: Éditions Minuit.

Serres, Michel (1977). *Hermès IV. La Distribution*. Paris: Éditions Minuit.

Serres, Michel (1974). *Hermès III. La Traduction*. Paris: Éditions Minuit.

Serres, Michel (1972). *Hermès II. L'Interférence*. Paris: Éditions Minuit.

Serres, Michel (1969). *Hermès I. La communication*. Paris: Éditions Minuit.

Worms, Frédéric (2018). Entretien avec Frédéric Worms. Propos recueillis par Sven Ortoli. In : *Philosophie magazine*. Hors-Série: Michel Serres, Paris, n. 39, p. 112-116, Automne-Hiver, 2018.